

PESQUISA DE CAMPO EM GEOGRAFIA *

DIRCE MARIA ANTUNES SUERTEGARAY
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Este procedimento, como sabemos, não é exclusivo da pesquisa em Geografia, dele se apossam as mais diferentes áreas do conhecimento, sejam classificadas como exatas, da terra ou social. No entanto, consideramos necessário resgatar a discussão sob a óptica da produção do conhecimento, esta sem dúvida já iniciada. Desnecessário seria falar da fundamental importância do trabalho de campo na pesquisa geográfica. (SUERTEGARAY, 2002)

A pesquisa de campo é um tema muito importante na Geografia, porém, com pequena discussão. Na intenção de contribuir com o debate, trazemo-lo a público de maneira mais ampla. É importante, em particular, para aqueles que se iniciam na pesquisa, pensar suas formas de realização. Cabe dizer, de início, que embora a discussão sobre trabalho de campo seja pequena, significativos textos de geógrafos experientes estão disponíveis para leitura. Não arrolarei todos, porém é importante lembrar os textos de Lacoste (1985), Kayser (1985), Tricart (1980) e Oliveira (1985), entre outros que tratam do tema. É importante dizer que estes textos, escritos nas décadas de 70 e 80, trazem à discussão o sentido do trabalho de campo para o geógrafo, o compromisso com as comunidades envolvidas e a divulgação dos resultados.

Ao iniciar, fazemos a seguinte referência: ao ler a súmula/ementa proposta para discussão, encontramos entre os diferentes termos que podem expressar a pesquisa de campo, a palavra “campear”. Campear é uma palavra utilizada pelo homem do campo (peão) e de maneira ampla pela população da Campanha no Rio Grande do Sul e significa procurar. Quando alguém diz “estou campeando algo” significa estou procurando. Escolhemos, então, esta palavra como uma forma de fazer campo. Campeando — procurando — pesquisando. Se entendo campear como pesquisar, cabe dizer que pesquisar é busca. Entretanto, começamos colocando, num primeiro momento, o que entendemos por pesquisar.

As respostas às questões que nos colocamos partem da concepção de construção do conhecimento que se baseia, entre outras leituras, em Maturana e Varela, dois bio-neurologistas chilenos que fornecem a base biológica para a construção/explicação das teorias construtivistas. A partir delas é que pretendemos expor nossas idéias.

1ª Questão: O que é pesquisar?

Em nosso entendimento, pesquisar é responder questões, responder perguntas.

- Que perguntas respondemos?

* Respondemos às perguntas que nos instigam. Buscamos respostas para nossas dúvidas em relação ao mundo e a nós neste mundo.

* O processo de pesquisa/investigação é, também, um processo de auto-conhecimento,

* O presente texto é resultado de uma leitura sobre geografia e trabalho de campo apresentada em Belo Horizonte durante o IV Encontro Estadual de Geografia de Minas Gerais.

ou seja, o reconhecimento de nós no mundo.

2ª Questão: No processo de conhecer — conhecendo-se, como se visualiza a questão do sujeito?

* Neste processo, sujeito e objeto se fundem.

* Neste processo, o sujeito constrói o objeto e o objeto reconstrói o sujeito (para lembrar Armando Correia da Silva).

3ª Questão: Esta relação foi sempre compreendida desta forma?

* Diríamos que não, ela é expressão de diferentes métodos, em diferentes momentos históricos, portanto diz respeito a diferentes formas de leitura do mundo. Exemplificando, temos:

No método positivista, tão conhecido nosso, o campo (realidade concreta) é externo ao sujeito. O conhecimento/a verdade está no objeto, portanto no campo, no que vemos.

No método neo-positivista o campo como realidade empírica é externo ao sujeito. Agora, nesta perspectiva, o campo como realidade externa é uma construção do sujeito.

No método dialético, o campo como realidade não é externo ao sujeito, o campo é uma extensão do sujeito, como é numa outra escala a ferramenta para trabalhar uma extensão do seu corpo, ou seja, a pesquisa é fruto da interação dialética entre sujeito e objeto.

Resulta da compreensão dialética o conceito de PRÁXIS e a concepção de que estamos no mundo para pensá-lo e transformá-lo. Pesquisar pressupõe reconhecer para intervir. Esta concepção metodológica informa que a consciência do mundo forjava-se/forja-se coletivamente e as transformações dar-se-iam ou dar-se-ão pela unificação das lutas (pelo coletivo dos trabalhadores). A pesquisa de campo é o conhecimento feito através da vivência em transformação.

No método fenomenológico, o campo é a expressão das diferentes leituras do mundo. É o lugar (da observação e da sistematização) do olhar do outro — daí o método fenomenológico dizer da necessidade de se colocar no lugar de. Negando o positivismo, este método não separa sujeito e objeto.

Na compreensão da hermenêutica, o campo é a interação do sujeito no seu caminhar e pensar com o objeto. O sujeito como ponto de partida do conhecimento promove, a partir de sua vivência, a ação que desencadeia o processo de conhecimento e (re)construção do mundo. O campo é o texto, este precisa ser desvendado aberto e compreendido em seus múltiplos significados para, a partir dessa compreensão promover a reconstrução do sujeito/objeto/sujeito. Trata-se do que se denomina de Hermenêutica Instauradora. Da nossa prática advém nossas indagações e das respostas que damos a elas advém nossa prática e as transformações simultâneas de nós e do mundo.

4ª Questão: Os diferentes métodos encaminham formas diferenciadas de pesquisa de campo?

Sim, e estas diferentes práticas vão expressar diferentes Geografias. Assim, temos no âmbito de nossa disciplina:

Pesquisa de campo como observação empírica e descritiva, neste caso a resposta está no fenômeno. E fenômeno neste caso, é entendido como algo que está fora, algo externo ao sujeito, visível, perceptível por ele.

Esta prática promove o reconhecimento do campo entendendo-se como observador externo, capaz de captar a informação vinda do objeto em análise, portanto, um conhecedor neutro, apenas sistematizador do que o mundo dos fenômenos lhe revela.

Numa outra visão geográfica, podemos ter uma visão de pesquisa de campo como desnecessária, pois a leitura do mundo pode ser feita a partir das representações do mundo, a exemplo dos mapas, das cartas e, mais recentemente, das imagens de satélites.

Esta leitura de campo não difere da concepção de fenômeno anteriormente apresentada, a realidade apresenta-se como algo externo ao sujeito. Da mesma forma, também, que a visão anterior a esta, promove o conhecimento do mundo para outros.

Na pesquisa de campo como ação de explicação e transformação, a necessidade de campo é pensada com vistas a sua transformação. A geografia, neste caso, exerce uma ação de grafar o território. Constrói novas territorialidades juntamente com outros segmentos sociais.

A pesquisa de campo constitui para o geógrafo um ato de observação da realidade do outro, interpretada pela lente do sujeito na relação com o outro sujeito. Esta interpretação resulta de seu engajamento no próprio objeto de investigação. Sua construção geográfica resulta de suas práticas sociais. Neste caso, o conhecimento não é produzido para subsidiar outros processos. Ele alimenta o processo, na medida em que desvenda as contradições, na medida em que as revela e, portanto, cria nova consciência do mundo. Trata-se de um movimento da geografia engajada nos movimentos, sejam eles sociais agrários ou urbanos. Enfim, movimentos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização.

A pesquisa de campo como compreensão hermenêutica supera a relação sujeito *versus* objeto, o campo é nosso espaço de vida que se apresenta como um texto carregado de signos que precisam ser desvendados. Entende-se que, nesta perspectiva, o geógrafo (sujeito) é objeto (campo) e campo (é sujeito). O geógrafo, neste caso, visualiza o mundo como uma totalidade complexa e dialética. Trata-se, como diz Morin (1982), de um sistema que não deve ser compreendido como na biologia (externo ao sujeito). Trata-se de um sistema mundo da qual faço parte como observador/transformador de mim e de mim nele.

Assim, a busca de mudança ou de defesa do “sistema” atual poderá ser gestada a partir de cada um de nós (sujeitos), com nossas práticas e indagações sobre o mundo, se assim o desejamos.

Enfim, concluímos na busca das respostas feitas na ementa sugerida para este debate.

O mundo atual é, ao mesmo tempo, virtual e real. Não reconhecemos o mundo dito real, hoje, se não compreendemos a lógica do mundo virtual, das imagens, redes de comunicação, da simulação. Dado que eles nos aproximam e, ao mesmo tempo, distanciam-nos do real.

Portanto, ir ao campo (mundo) é necessário. Agora, cabe perguntar com que ritmo, com que ética? Em meu entendimento, o ritmo e a ética são respondidos pelo método, ou seja, como vemos o mundo.

Assim, vemos o campo pelo olhar do método. O método escolhido é a expressão de nossa concepção do mundo. Método, portanto, é uma escolha que diz respeito ao nosso ritmo e a nossa compreensão/ética.

Segundo Momento

Nesta segunda parte cabe resgatar algumas questões levantadas nos debates. Uma delas diz respeito aos instrumentos que nos auxiliam no olhar, quando da pesquisa de campo. Neste caso, a analogia foi feita com um fotógrafo; dizia-se então: como pensar o instrumental em geografia? Uma boa fotografia exige uma boa máquina, cuja lente seja capaz de registrar as nuances. Sim, tem razão quem faz este questionamento. As novas tecnologias auxiliam em muito a leitura do campo pelos geógrafos, porém elas não bastam, como não basta uma máquina de fotografia sofisticada; a leitura expressa em ambos os casos, exige e deixa evidente o método e a visão de mundo do observador geógrafo ou fotógrafo. Lembremos Sebastião Salgado, sua obra e sua visão de mundo constituem expressão de um método, o que ele quer e como quer olhar. Sua sofisticada máquina responde ao seu caminhar. E neste caminho que, entendemos, devemos pensar o uso de nossos instrumentos de campo ou de laboratório, enfim, de pesquisa. Eles não podem ser, como temos verificado, os encaminhadores dos resultados. Instrumentos são meios de trabalho e não fim.

As novas tecnologias, em particular o uso dos Sistemas de Informação Geográfica, em muitos casos são utilizados dessa forma. Elas são por si só uma possibilidade analítica. Se não nos dermos conta dessa limitação ficaremos sujeitos (e nesse caso viramos objeto) do caminho e dos resultados aí possibilitados. Sobre isto escrevi há um tempo atrás:

Um grande número de usuários destas tecnologias desconhece, por formação, a dinâmica da natureza e a complexa articulação com a sociedade, traduzindo suas avaliações a partir de procedimentos de classificação e superposição de forma mecânica. Ao trabalhar nesta perspectiva, que se assenta na perspectiva cartesiana, pois a base de construção espacial destes dados estrutura-se através de pontos/linhas/colunas propõe um gerenciamento do espaço de vida, através de uma síntese da realidade produzida através do que denominamos “empilhamento de mapas ou planos de informações”. Tratar-se-ia, neste caso, de um resgate de procedimentos clássicos da Geografia - superposição de mapas - visando a construção da síntese (geográfica), agora feita através de tecnologias modernas mais rápidas, porém mais generalistas que as anteriores. Tudo o que pode ser mapeado com estes procedimentos se expressa em pontos, linhas, polígonos. Uma análise desta ótica de trabalho nos leva à percepção de que estamos trabalhando ainda uma “velha” Geografia, agora, com uma nova roupagem.

Toda discussão epistemológica feita ao longo destes últimos anos parece ter, em parte, “afundado” e vivemos novamente o advento do estudo de áreas/regiões que apresentam características internas semelhantes e diferenciadas e que, sobre elas, deve se impor um planejamento, ou gestão. Trata-se, ainda, de perguntar planejar para quem? (SUERTEGARAY,2002).

Terceiro Momento

Concebemos, portanto, o trabalho de campo de forma mais ampla, como um instrumento de análise geográfica que permite o reconhecimento do objeto e que, fazendo parte de um método de investigação, permite a inserção do pesquisador no movimento da sociedade como um todo. Esta visão não nega a possibilidade de uso de instrumentalização no campo e na pesquisa de

forma ampla.

Daí a necessidade de pensar o uso das novas tecnologias. Sem dúvida, não devemos descartá-las. Devemos utilizá-las a serviço de nossas escolhas. Muitas experiências já são praticadas com essa perspectiva.

O que queremos dizer é que, sem pensar, corremos o risco de nos tornar, de sujeitos do processo, objetos do processo. Isto não é algo novo ou impossível. Neste momento de construção do mundo, a ciência torna-se suporte efetivo do processo produtivo, por conseqüência, seu interesse cada vez mais se torna privado.

A construção do conhecimento, ao se tornar privada, nega o sentido original de sua construção, aquele de descoberta do eu no mundo, pois transforma o conhecer em mercadoria e o pesquisador em objeto, instrumento de produção de um dado conhecimento, cujo método e instrumental, muitas vezes, ou, na maioria das vezes, é previamente determinado.

Pesquisar é o fundamento de nossa busca, particularmente, neste momento histórico, onde a educação defende a tese de que apreendemos o tempo todo e educar é ensinar a apreender, ou seja, pesquisar, ou ainda, no linguajar pampeano, “campear”.

PESQUISA DE CAMPO EM GEOGRAFIA

Resumo: Este trabalho focaliza a importância e as diversas vertentes metodológicas em torno da pesquisa de campo em Geografia, concebida, de forma ampla, como um instrumento de análise que permite o reconhecimento do objeto e que, fazendo parte de um método de investigação, permite a inserção do pesquisador no movimento da sociedade como um todo.

Palavras-chave: Pesquisa de Campo; método de investigação.

FIELD RESEARCH IN GEOGRAPHY

Abstract: This paper focus on the importance of field research in Geography and its different methodological currents. Field research is conceived, in a large sense, as an analytical instrument that gives an insertion of the researcher in society movement as a whole.

Keywords: Field Research; Investigation Method.

Bibliografia

- ANDRADE, M. C. de. 1987. *Geografia Ciência e Sociedade*. São Paulo: Ed. Atlas.
- ANDRADE, M. C, de. 1993. *Uma Geografia Para o Séc. XXI*. Recife: CEPE.
- IOLIONSTAU, R. J. 1986. *Geografia e Geógrafo*. São Paulo: Ed. Dipel.
- KAYSER, B. O. 1985. Geógrafo e a Pesquisa de Campo. *Seleção de Textos* n° 11. São Paulo: Teoria e Método. Associação dos Geógrafos Brasileiros.
- LACOSTE, Y 1985. Pesquisa e Trabalho de Campo. *Seleção de Textos* n° 11. São Paulo: Teoria e Método. Associação dos Geógrafos Brasileiros.
- MORIN, E. 1986. *Ciência com Consciência*. Ed. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro.
- OLIVEIRA, A. U. 1985. Apresentação ou de na prática a teoria é Outra. Para a Teoria na Prática Não Pode Deve Ser Outra. *Seleção de Textos* n° 11. São Paulo: Teoria e Método. Associação dos Geógrafos Brasileiros.
- SANTOS, M. 1978. *Por Uma Geografia Nova*. São Paulo: Hucitec.
1985. *Espaço e Método*. São Paulo: Nobel.
- SUERTEGARAY, D. M. A. 2002. Geografia e trabalho de Campo. In *Geografia Física Geomorfologia: uma (re)leitura*. Ijuí: Editora da UNIJUI. (no prelo).
- TRICART, J. 1980. *O Campo na Dialética da Geografia. Reflexões sobre a Geografia*. São Paulo: Edições AGB.